

*

*

*

*

I CONGRESSO INTERNACIONAL DE AR(R)IVISMO

"Arrivismo. S. m. Procedimento de arrivista,
de quem quer vencer na vida de qualquer modo."

Anais

Anais

Outubro / 2003

*

*

*

*

*

Editores:

Daniel Lima (A Revolução Não Será Televisada) danielclima@yahoo.com

Tulio Tavares (Nova Pasta) tuliotavares@yahoo.com.br

Projeto Gráfico:

Daniel Lima (A Revolução Não Será Televisada)

Produção Gráfica:

Tulio Tavares

Colaborações:

Augusto Citrangulo

Contra Filé in MICO

Centro de Mídia Independente

Daniel Sêda (Coletivo Formigueiro)

Daniela Labra (A Revolução Não Será Televisada)

Eduardo Verderame (Nova Pasta)

Eugênio Lima (Soul Family e Núcleo Bartolomeu de Depoimentos)

Fabiane Borges

Graziela Kuncsh (Rejeitados)

Grupo Bijari

Júlia Tavares

Luciana Costa

Pam Rosensteel

Ricardo Ramalho

Roger Barnabé

Transição Listrada

Índice

Ato Número 1	01
E-mail Convite - I Congresso Internacional de Ar(r)ivistas - C.I.A.	02
“A comunicação com os seres humanos nos atrai, para que meditemos sobre nós mesmos”	03
Arte e Auto-Representação	04
A função da arte	05
Intervenção Sonora por Eduardo Verderame	06
A Ordem Secreta dos Artistas	07
Por aqui a liberdade é total...	08
Não queremos ampliar a arte na realidade...	09
“Então eu penso que no nosso tempo...”	10
Ovelho	11
A(r)tivismo é brincadeira?...	12
Sobre os rejeitados...	13
Intervenção na cidade através da performance Dionisiaca	14
Política Editorial do CMI-Brasil	15
Arte vem às ruas e faz barulho com humor, crítica e denúncia	16
A Realidade não pode ser possuída	17
BASEmóvel	18
FAME	19



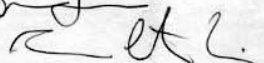

SÃO PAULO, 09 DE ABRIL
DE 2003

ATO N.º 1

REUNIDOS OS GRUPOS E SEUS REPRESENTANTES: A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ TELEVISIONADA, TRANSIÇÃO LISTRADA, NOVA PASTA E MENOSSÕES COM A PARTICIPAÇÃO TELEFÔNICA DE GABRIELA KUNHA REPRESENTADA DO OS GRUPOS AFTER RATOS, A.N.T.I. CINEMA, REJEITADOS, FUMAÇA E NÚCLEO PERFORMÁTICO SUBTERRÂNEA, ESCRITÃO AS SEGUINTE PAVTAS

1. DECISÃO DE ORGANIZAR O I CONGRESSO DE ARRIVISMO A REALIZAR-SE EM 14 DE ABRIL DE 2003.
2. CRIAÇÃO DA PERFORMANCE DAS MEIAS VERMELHAS.

DE ACORDO,

Marco Túlio de Tavares - 
Daniel Lima 
Renan Costa Lima 
Alexandre Meneses 

From: Tulio Tavares <tuliotavares@yahoo.com.br>
Date: Mon, 14 Apr 2003 01:37:18 -0300 (ART)
To: Daniel Lima <danielcflima@yahoo.com>
Subject: I Congresso Internacional de Ar(r)ivistas - C.I.A.

I Congresso Internacional de Ar(r)ivistas - C.I.A.

a realizar-se na Casa dos Artistas
terça, dia 15 de abril de 2003,
19:30hs recepção, 21hs início do debate

Participações confirmadas:

Grupos / movimentos representados

A Revolução Não Será Televisada, Agruppaa, After-Ratos, A.N.T.I. Cinema, Bartolomeu, Bijari, Contra Filé, C.M.I., Embolax, Flesh Nouveau, Formigueiro, Fumaça, Mico, MTAW, Núcleo Performativo Subterrânea, Os Menossões, Nova Pasta, Rejeitados e Transição Listrada.

Individuais

Alexandre Ruger, Augusto Citrangulo,
Fernando Catatau, Julia Tavares,
Lia Chaia, Marcos Villas Boas, Mozart Mesquita,
Ricardo Ramalho e Roger Barnabé.

"Arrivismo. S. m. Procedimento de arrivista, de quem quer vencer na vida de qualquer modo."

Traga sua cerveja e seu vício

Rua Tomas Catunda, 07
Vila Anglo Brasileira (perto do metrô Vila Madalena)
São Paulo - SP
Brasil
Tels 36 75 85 66 / 38 64 85 51

“A comunicação com os seres humanos nos atrai, para que meditemos sobre nós mesmos”

Embora tenha lido esse axioma de Franz Kafka em “A Muralha da China” há quase dez anos, nunca até agora, havia entendido tão bem sua profundidade e a abrangência de seu significado.

Ao longo do exercício da atividade de professor tenho me deparado com turmas bastante heterogêneas. Digo, heterogêneas entre si e também, em alguns casos, caldeirões de diferenças criativas internas que inequivocamente, têm dado sentido à essa pérola kafkaniana no meu dia-a-dia. Ao comparecer ao I Congresso dos Arrivistas esperava encontrar um universo de diferenças bastante enriquecido, já que estavam reunidos jovens e produtivos artistas, mas para minha surpresa, o que encontrei não foi nem de perto o que imaginava, mas sim, a antítese de um caldeirão criativo.

O que vi foi um grupo bastante homogêneo em idéias, desinteresses, preconceitos com quem ou com o que era desconhecido. Homogêneo até em querer ser diferente, na aparência explícita de “artistas”. Parecia que quase ninguém estava ali para discutir, filosofar, discordar, encontrar afinidades ou reforçar diferenças, divertir-se. Parecia que quase todos, buscavam apenas afirmar suas idéias, confundindo polêmicas superficiais com troca de idéias. Não esperava qualquer tipo de aprofundamento sobre qualquer tema, muito pelo contrário, mas um mínimo de bom humor, fruto espontâneo da discussão acalorada e sincera entre diferentes. Tristemente homogêneo até na falta de ideais e no gosto de ranço, no gosto de coisa velha e passada, embalada com papel moderninho, bastante comum no discurso acadêmico, berço provável de todos nós “intelectuais engajados” presentes.

Encontrar pessoas com a disponibilidade de falar apenas de si mesmo e de suas próprias e anteriores verdades me enche o saco, mas não me desanima. Ainda penso em Kafka: “O caminho da verdade estende-se ao longo de uma corda que não está esticada a uma grande altura, mas apenas acima do solo. Destina-se mais a fazer as pessoas tropeçarem do que andarem por cima dela”.

Sinto-me assim, por vezes, roubado em meu tempo, mas não em minha capacidade de ver as coisas com ineditismo. Na época da internet, encontrar jovens “anteados”, desconectados dos problemas da sociedade, tão “donos da verdade”, tropeçando em verdades herdadas de conversas de botequim, das revistas semanais da moda ou dos sites da hora, por incrível que pareça, ainda me atrai. Atrai para que medite sobre mim mesmo e sobre a sociedade em que vivemos. Na época da internet, é a literatura que me lembra que, quando não se tem para quem dizer o melhor é o silêncio ou seria, quando não se tem o que dizer, o melhor para se ouvir continua sendo é o silêncio. Refletindo, da próxima vez, mudo.

Augusto Citrangulo
12 de maio de 2003

Arte e Auto-Representação

“O ator MC, nascido do casamento estético entre o teatro e cultura Hip-Hop, homem de depoimentos, com os olhos vidrados nas situações de rua”¹

A princípio, a proposição acima pode parecer um pleonasma, pois evidentemente toda expressão artística contém em si a representação das convicções, crenças e visões de mundo do seu autor. Mas quando falo de auto-representação, refiro-me a um posicionamento artístico, no qual as posições e as visões de mundo são matéria indissociável da construção artística, ou seja, a obra de arte como meio específico da vida e do discurso político do artista; que de posse da sua história pessoal, a utiliza para um exercício de socialização da sua vivência, transformando sua experiência individual na vivência do coletivo, sendo desta forma catalisador de uma história ancestral, tal como o xamã ou o flâneur. Ritualizando sua experiência, consegue representar-se, da mesma forma que através do rito coletivo consegue sentir-se representado no conjunto da sociedade. Mas quais são, efetivamente os desafios desta arte que parte da premissa “de que não há diferença, entre discurso artístico e a vivência social”; quais são suas possibilidades reais de efetivação como um modelo alternativo de discussão e de construção da obra de arte ?

No meu entender os riscos são todos ligados a dicotomia entre uma auto-representação, que por si só expõe as contradições do signo social e político que este discurso artístico representa e a suposta auto-representação que nada mais é do que a egolatria e elitização de um substrato pes-

soal. Ou seja, no primeiro caso o artista consegue representar suas convicções e mesmo assim representar um grupo determinado sem que isto seja um discurso voltado para uma suposta “vanguarda artística” (que nada mais é do que a resistente idéia de grupos escolhidos), que por uma genialidade quase messiânica representam todo o conjunto dos produtores da obra de arte. O segundo caso é exatamente o oposto, pois é constituído pela a idéia de que a construção artística de um determinado momento pode ser representada por esta “vanguarda”, e não por seu mosaico histórico. Neste caso a auto-representação não rompe com a história oficial e sua institucionalização, apenas a legitima como única possibilidade de registro histórico.

O que me leva ao segundo desafio é a idéia de que é necessário criar fóruns legítimos ,fora do circuito tradicional,que espelhem uma outra produção e outros mecanismos de construção artística.Dentre os quais a rua com sua diversidade, sua contundência , sua multiplicidade de convicções e posturas , aparece como um lugar fundamental para a constituição destes fóruns ,pois a sua própria existência , trás em si o caráter desta auto-representação.

O terceiro desafio é a exigência de tal auto representação produzir algo significativo, tanto na sua construção, quanto na sua visibilidade, pois é de extrema necessidade que a obra de arte rompa com o espectador tradicional e procure novas parcerias, é fundamental que a resultante deste processo seja a criação de um discurso e de uma forma de atuação, que consiga destituir o monopólio do historicismo e o controle quase que indissociável da institucionalização. Mais uma vez é quase que inevitável voltar-se para rua, democratizar sem assistencialismo, paternalismo ou qualquer tentativa de heroização.

O fazer artístico como tática de guerrilha cultural, na qual a tônica deve

ser o ataque e a fuga, cujo o objetivo (além de qualquer convicção política ou estética) seja a construção de uma outra história possível, que não reproduza a segregação da história oficial. É preciso constituir a história artística dos párias, e dos excluídos, sem que isto tenha um caráter salvacionista ou revolucionário/demagógico, pois tal necessidade parte do pressuposto que o artista que não se sente representado torna-se apto por opção a contar sua própria história utilizando sua construção artística como instrumento catalisador. “Eu sou o mais apto a contar a minha história e se preciso for utilizarei todos os meios necessários para tal feito”. Feito que simboliza todos aqueles que neste discurso, se sintam representados.

O quarto e último ponto é a idéia de que independente de qual seja a linguagem artística em questão, é preciso abdicar da idéia de que as respostas para tal desafio estejam na historiografia de tal linguagem, pois é demasiadamente urgente que as linguagens procurem fora de si estas respostas. O diálogo sem subserviência, entre as várias linguagens é no meu entender uma das poucas possibilidades de se romper com o cerco da institucionalização. O frescor oriundo de tais diálogos podem constituir uma redescoberta do fazer artístico, e mais do que isto, criar um novo espectador que renuncie a apreciação passiva para constituir-se como cúmplice/aliado de tais linguagens.

Democratizar o acesso e a produção artística, dialogar com outras linguagens, criar obras significativas, romper com o ciclo vicioso da história oficial e sua institucionalização, criar um novo espectador/cúmplice e finalmente ter a rua como receptáculo .

Estes são os desafios deste artista que não abre mão de ter o seu fazer artístico como a extensão natural de suas convicções políticas e sociais, consequentemente de sua história de vida. Mas sobretudo, é preciso que

tal desejo não seja apenas uma forma de sobrevivência enquanto o discurso deste artista não é absorvido ou incluso no chamado “*mainstream*”, tal anseio deve realmente ser guiado pela necessidade de criação de outro modo possível, no qual não existe a dicotomia entre a visibilidade do discurso e a diluição do fazer artístico. Neste sentido existem vários exemplos nos quais a visibilidade do discurso artístico não ocasiona uma perda de identidade e sim um revigoramento de tal discurso, como por exemplo a trajetória do grupo de rap RACIONAIS MCS e ou a disseminação ao redor do mundo do *drum'bass*, quando tais produtores mal chegavam a vender 30.000 cópias. Evidentemente não cabe aqui um juízo de valor sobre a relevância artística maior ou menor de tais exemplos e sim a capacidade que tais artistas tiveram para conseguir a visibilidade de seus discursos, bem como o reconhecimento por parte de seus espectadores/cúmplices ou aliados. A visibilidade e a manutenção da independência do discurso artístico são condições primordiais para que a auto-representação seja realmente um instrumento para a quebra do monopólio da história oficial.

“REINVENTAR O PASSADO TAMBÉM É UMA EVOLUÇÃO MUSICAL, CADÊ AS NOTAS QUE ESTAVAM AQUI NÃO PRECISO DELAS É SÓ DEIXAR TUDO SOANDO BEM AOS OUVIDOS. POIS SE EU TÔ DE MICROFONE É TUDO NO MEU NOME”.²

Eugênio Lima
DJ da Soul Family e Diretor Musical do
Núcleo Bartolomeu de Depoimentos

Notas

- 1 - Eugênio Lima / Núcleo Bartolomeu de Depoimentos
 2 - Chico Science e Rappin Hood

A função da arte

O processo de alienação das pessoas dificulta a capacidade de observação crítica do entorno. Em nosso mundo materialista capitalista tudo deve estar previsto em leis, para tudo deve haver uma explicação e um tratamento, a revelia de nossos interesses e crenças. Nossa sociedade não tolera visões contemplativas da realidade, não tolera o ócio de onde as ações sensatas advêm. Vivemos um turbilhão de violência, lixo, buracos e mau atendimento.

Nesse contexto degradante a arte é necessária. O objeto artístico nos oferece um momento de reflexão, uma referência de organização e visão estética autoral. A questão da autoria é de fundamental importância pois demonstra na prática pontos de vista e soluções particulares, indicando que cada um de nós é capaz de exercer esse tipo de ação cultural. A noção de autoria valoriza o gesto individual e aumenta a responsabilidade sobre cada um dos indivíduos, no cotidiano, sobre a coletividade.

Sabemos que uma das coisas que definem a arte é o tratamento que é dado a ela. Sem esse tratamento a liberdade criativa do artista é cerceada, as condições de trabalho não recebem nenhum tipo de garantia, a própria integridade física das obras, e dos artistas, fica ameaçada, a mercê do caos urbano, e da incompreensão. O circuito de arte é uma espécie de porto-seguro para as artes plásticas, uma encubadora de arte, cercada de cuidados, onde as ações são catalogadas, registradas e discutidas. A maioria dos ritos artísticos acontecem dentro dos domínios do circuito de arte, ou tem o próprio circuito como referência, sendo ele uma espécie de farol que orienta nossos posicionamentos. Distorções graves e

lobbies existem, mas se o circuito for hipoteticamente desmantelado viveríamos um estado de barbárie insuportável, comparável a outras situações hipotéticas muito graves, como a destruição do sistema escolar, a inexistência de forças policiais, o fechamento de hospitais, o colapso dos sistemas de comunicação. Toda essa estrutura já está seriamente ameaçada o que compromete gravemente a qualidade de vida das pessoas.

Para fazer frente a essa terrível situação na qual estamos afundados até o pescoço, os artistas devem ser extremamente eficazes, e profissionais. As idéias, atualmente muito comentadas, de resistência cultural, guerrilha e revolução não devem ser deturpadas pela ingenuidade, pela farra inconsequente, ou pela incompetência dos incapazes. Em outras palavras: no campo de batalha o soldado fraco deve abrir caminho para seu colega, o soldado forte, evitando ser pisoteado pela adversidade dos planos logísticos. Em outros momentos o soldado fraco pode ser mais forte do que o forte, em ações mecanizadas, sem combate corporal, sendo portanto fundamental para o êxito da tropa. Não há, tanto espaço para diletantismo, amadorismo, perda de tempo, desperdício de recursos, conversa mole e desvios morais.

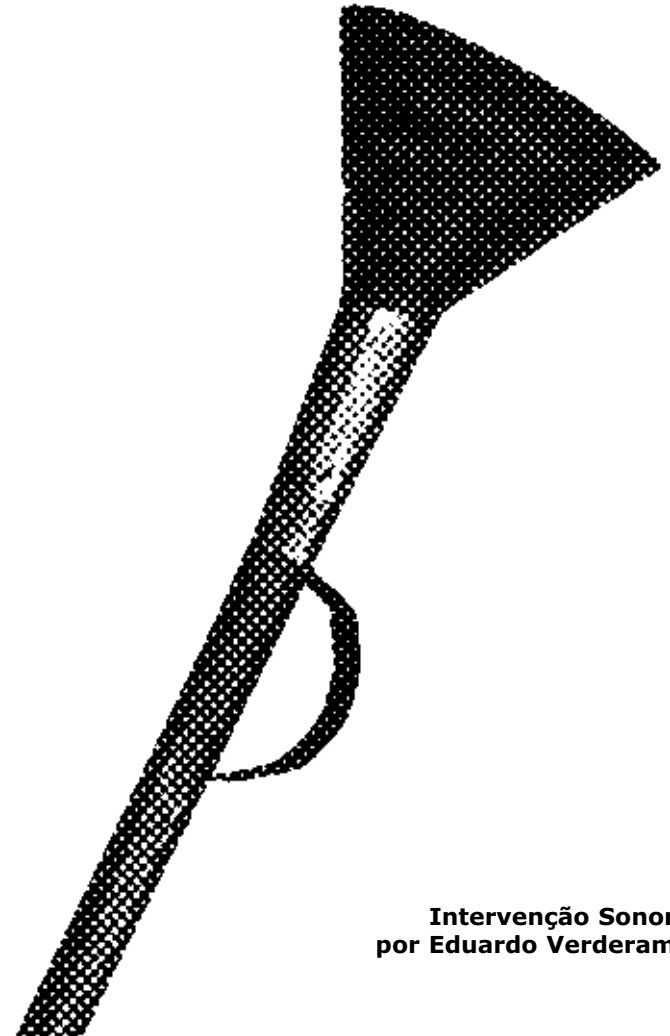
Em alguns casos, o insistente questionamento do sistema da arte, através de ações supostamente artísticas, é contraproducente, pois o trabalho fica restrito a um discurso meramente político, panfletário, de posição conceitual estritamente teórica, sem respaldo material, sem concreta atuação plástica. Nesses casos a idéia de arte, que deveria per-

mitir múltiplas interpretações através da transformação da matéria e considerações éticas, tem sua poética drasticamente reduzida, sendo a ação igualmente referente e atrelada ao circuito oficial de arte, de forma conservadora, destrutiva, e oportunista, como um verme parasita.

Momentos de lazer são muito importantes, descontração, diálogos, brincadeiras, amor, amizade, mas não deixemos de tratar a arte com toda a seriedade, especificidade e respeito.

Os movimentos de expansão do circuito e aquisição de novos públicos através de iniciativas independentes são de fundamental importância. Posicionamentos críticos e atuações políticas não devem prescindir de proposições artísticas pertinentes e inteligentes. A transformação do sistema de arte, a mudança das regras do jogo, será implementada por quem participa dele.

Ricardo Ramalho
18 de Abril de 2003



Intervenção Sonora
por Eduardo Verderame

A Ordem Secreta dos Artistas

Arrivista, terrorista, maquinista - nada disso. Com licença, somos artistas. Anti-o-que? Contra algo, mas por quem? Vestimos a camiseta, amamos nosso ser. A televisão é a imagem da besta, ou besta é quem não está dentro dela? O poder da mídia, é certo, engole a tua singela pintura óleo sobre tela. Ninguém ama o mercado, mas quem não quer dinheiro aí? Uns são anti mas usam tênis importado modelo pró, presente do paizão. Aluguel, não tem não. Com ou sem contra cheques, somos todos ativos e isentos do imposto de renda. Temos muito a declarar, somos jovens, criativos e quase famosos. O que é fama para você? Assumimos nossa adoração por chocolate suíço e curadores franceses. Mas, péra lá, não precisamos rotular todas as coisas. Antes de tudo, pensamos e reclamamos, precisamos acreditar que podemos mudar alguma condição, além da cor dos cabelos e da marca de desodorante. Felizmente não fomos bons o suficiente nas disciplinas exatas para exercermos profissões mais sérias. Pintamos parede, filmamos a rua e tiramos a roupa. De graça mesmo, não precisa nem pagar 1 Real já que a ação é absolutamente espontânea e ainda tem a pretensão de virar marco histórico. Alguém é contra o Museu?

Lemos, escrevemos, fumamos. Entorpecidos por poéticas desvairadas, sofremos demais. Contemplamos a lua cheia e uivamos cores para as noites prateadas.

Acuso você de estar dentro do sistema, vendendo sua arte para um mercado tirano, enquanto me acuso de ser uma farsa por não estar vendendo nada dessa merda que só eu acredito, que é maravilhosa pois é a

MINHA arte. O que é arte, então? Não precisa responder: o seu direito de criar não acaba quando começa o meu delírio criativo. Afinal, quem tem boca vai à Roma ou pára na Bienal, só depende da proposta.

Em grupo ou sozinhos, estamos aí, viajando na maionese a cada dia. Ops, me desculpe aquele que se sentiu ofendido por que faz algo sério e não viaja a lugar nenhum. Tudo bem, a sua idéia pode se encaixar na minha e vamos montar um ateliê?

As estratégias de um grupo são estratégias de sobrevivência, de permanência. Não somos marginais por que não somos heróis. Tampouco somos alternativos. Duros, talvez. Produzimos idéias e matérias, fabricamos e vendemos imagens. Um objetivo? Comprar um carro, que nem o advogado em início de carreira. Uma fé? Viver e abraçar tudo que podemos.

Arrivistas, terroristas, maquinistas. Desculpe, mas somos artistas. Fazer o quê?

Grace Kelly de Araújo

por aqui a liberdade é total. mas só dentro do pensamento.

alguns ainda carregam uma bola de ferro atada aos pés. outros mais sofisticados já substituíram este sistema arcaico por chips ligados a suas orelhas e bocas e ligados 24hs. disponíveis também em modelos "vibracall". eles trabalham na livre-iniciativa.

de tanto serem diferentes, os diferentes já ficaram iguais.

a música liberta mesmo quando confinada em espaços restritos?

seja um completo marginal. mas se não for, mantenha os seus documentos em dia.

o amor e a comunicação podem mudar o mundo. mas perái?! de qual amor você está falando?

um sujeito com um canhão vale mais do que um milhão com cartazes na mão.

o bom-senso é algo tão bem distribuído que acabou.

o primeiro alvo da mudança será você.

. . . (projeto telepatia : telepatia.tk | profana.com).
. . . (daniel sêda integra o Coletivo Formigueiro).

a idéia é sair colando esta imagem do olho-cifrão sobre olhos diversos em displays diversos de propagada, em pontos de ônibus, supermercados, etc como um micro antídoto para a crença na propaganda.



Não queremos ampliar a arte na realidade, talvez a realidade na arte e, se possível, a própria realidade na realidade.

Grupo Bijari, 2003

“Então eu penso que no nosso tempo nós devemos desenvolver a nossa reflexão em torno deste problema do contra, quer dizer, meditar até que ponto nós devemos ser do contra, contra o quê devemos ser, para depois podermos ser, também, a favor”.

Antonio Cândido

No 1o CIA (Congresso Internacional de Ar(r)ivismo) fomos questionadas - como integrantes do MICO - a respeito da participação deste grupo no Panorama da Arte Brasileira 2001 e de seu consequente “desaparecimento”.

|||

Até a participação no Panorama, não falávamos sobre as situações, agíamos. Os trabalhos surgiam de tensões, questionamentos comuns a todos os integrantes. A reflexão sobre a prática sempre servia para que déssemos o próximo passo. A transformação estava na experiência e não na discussão teórica mediada pela “Arte”.

Depois do Panorama, não só perdemos o pé da experiência como ela se empobreceu, porque ser contra ou a favor do circuito da arte tornou-se (por termos nos inserido nele) praticamente a única situação sobre a qual discutíamos. Ser contra e/ou a favor deixou de ser algo intrínseco e diluído no processo de trabalho, para ser coisa separada e independente. Ficamos em cheque.

|||

“Ora, então a reflexão é esta: se nós estamos entrando efetivamente numa era de conservantismo, temos que ser contra, temos que afiar as nossas armas, temos que, culturalmente e politicamente, nos preparar para ser contra esta tendência das classes dominantes, que vêm forçar os

controles de conservação. Nós temos que, a cada momento, manter o contra como a possibilidade de abertura democrática. Temos que manter o contra como única possibilidade de propor a questão da democracia, que é o caminho para a igualdade, que é o que realmente interessa.”¹

|||

Contra e a favor andam sempre juntos e é preciso muita perspicácia para ter um pensamento e uma prática dialéticos. Ou seja, estudar cada momento e responder a ele não a partir de preconceitos e parâmetros exteriores, mas do entendimento de sua densidade. Tendo a clareza de que o sentido das ações é a conquista de uma sociedade realmente democrática, o jogo não precisa ter regras a priori, somente ser jogado.

|||

“Ser do contra” deve ser, portanto, ao mesmo tempo, um desafio e uma conquista. Assim, aparece como tensão, algo que nos atormenta; e deve vir à tona não como discurso, mas como realidade, um possível que nos orienta em direção de um novo “a favor”.

Contra Filé in MICO
contra_file@yahoo.com.br

>>>>>>> situação A >>>>>>> observar >>>>>>> identificar
elemento com potencial de ruptura >>>>>>>
intervir evidenciando o elemento disparador >>>>>>> ruptura da
situação >>>>>>> situação B >>>>>>>>

Notas

¹ - Antonio Cândido, Tempo do Contra in Textos de Intervenção. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.



Ovelho
por Luciana Costa

O homem invisível -objeto invisível (Performance)

Se você passou pelo marco zero de São Paulo, lá na Praça da Sé, no dia 15 de fevereiro de 2001, pode até ter sido um dos felizardos a não assistir a uma performance pública de Túlio Tavares. Isso mesmo, não assistir. E olha que ele se esforçou para chamar a atenção, armado de um poderoso megafone e de um indiscretíssimo objeto criado pelo artista plástico Ricardo Basbaum.

Durante o primeiro dos dois dias que durou o experimento, Túlio discursou praticamente para si mesmo, pois as pessoas que passavam apressadas nem sequer notavam sua presença. Fotos e vídeos registraram essa situação.

No segundo e último dia, o roteiro da performance foi modificado. Em vez de fazer de um discurso hermético, Túlio procurou incentivar a participação dos transeuntes, propondo a eles as mesmas questões do dia anterior, só que agora em um discurso muito mais compatível com o universo do cidadão comum. Aceitaram a provocação aposentados, desempregados, garis, pastores, boys.

Mozart Mesquita

MOMENTO 1 - O INVISÍVEL

Túlio Tavares

Hoje vamos discutir duas coisas, a visibilidade do discurso artístico e a visibilidade do ser humano. Na verdade, essa performance já aconteceu duas semanas atrás em uma outra quinta-feira. A gente passou aqui mais de uma hora, uma hora e meia, tentando colocar se eu era uma pessoa visível ou se eu era invisível, eu continuo acreditando que eu sou invisível e vocês vão passar por mim hoje e não vão entender nada do que está acontecendo. Sendo assim, se por acaso não tiver uma experiência na mente de vocês, se isso não for levado como uma informação, eu continuo invisível.

Para confirmar esse discurso que eu estou propondo para a cidade - este é um discurso para cidade de São Paulo - eu trouxe um objeto de arte produzido pelo artista Ricardo Basbaum, que segue por diferentes casas, por diferentes pessoas, que interagem com esse objeto. Hoje, eu resolvi trazer comigo, para tentar diminuir, então, minha invisibilidade.

Morando numa cidade como São Paulo, nós somos colocados no quase imperceptível. Cada pessoa que está passando aqui hoje na praça da Sé, não está olhando ao lado, as pessoas ao lado não são visíveis. Se vocês notarem bem, em frente àquela igreja, há duas semanas, tinha uma mancha de sangue, provavelmente alguém foi morto naquela mancha, e mesmo assim, isso foi uma ação invisível. Apesar de eu estar falando com um megafone no marco zero da cidade de São Paulo, onde as linhas se cruzam, norte, sul, leste, oeste, ninguém vai prestar atenção no que eu estou falando. Então, a gente pode continuar nesta perspectiva da invisibilidade. Eu não sei se concordam ou se não, alguém poderia vir aqui e falar: não, você não é invisível, o que você está falando é importante para mim, vou levar para casa como uma experiência.

(Não houve público.)

MOMENTO 2 - O VISÍVEL

Pastor

A mensagem que eu quero passar, a mensagem que Jesus Cristo veio passar, todos vocês que se encontra invisível para o mundo, o que vocês têm que fazer é chamar ao senhor Jesus Cristo, o autor e consumidor da fé, ele que é o caminho, a verdade e a vida, ele mesmo falou em um de seus sermões dizendo, eu sou a luz do mundo. Então você que quer sair da escuridão, aceite Jesus Cristo como seu salvador, venha para a luz e deixe de ser invisível, para ser visível, para a glória de Deus.

Vivemos em um país em que nós podemos perceber que há muitas pessoas invisíveis dentro da sociedade, do poder político, quantas pessoas estão à margem da sociedade, mendigando, invisíveis perante a sociedade, quer dizer, para os grandes, são o lixo da sociedade.

Senhora gari

Parece um caixão.

(Túlio) Parece um caixão? Mas caixão não tem tampa?

Nem todo caixão tem tampa.

(Túlio) O caixão é de madeira, esse é de ferro. Que a senhora acha por ser de ferro?

É bom que dura mais.

(Túlio) Dura mais?

Senhor 1

Aqui no Brasil é raro, posso ser invisível toda hora, porque aquele que tem, nem olha para mim, outros passam pela gente, fazem que não conhecem, então, para essa pessoa eu sou invisível, eu não sou nem gente. Não é verdade, principalmente no Brasil? Mas para muitos sou visível, porque tem muitos com algum poder aquisitivo que passa, fala e me cumprimenta. Então, eu sou invisível para muitos e visível para muitos, esse é meu modo de entender.

Senhor 2

O homem é igual ao urubu. O urubu só baixa onde tem carne, e o homem só baixa onde ele leva vantagem. O homem já fez essa parede aí já com a intenção de levar vantagem.

(Túlio) Ah, é?

Mas é claro, o homem fez isso para quê? Tá tudo podre.

(Túlio) O senhor acha que a arte tá podre?

A arte não tá podre, ela precisa ter mais perfeição dentro da humanidade para entender.

Pessoa de meia-idade

As várias visões sobre o mesmo objeto é que enquadram uma consciência, só isso.

Senhor 2

Nada é nada, continua nada vezes nada.

(Túlio) Como é o olho do senhor?

Se eu não tenho olho, eu não posso ter ilusão. Eu vou ter ilusão de que, se eu não vi nada?. O cego não pode ter ilusão. Como ele tem ilusão? Ele não viu nada!

(Túlio) Perfeito! Quer dizer que o cego não tem ilusão? Isso é interessante.

Ele tem ilusão numa troca de idéias, de outros que enxergam com ele, mas ele mesmo não viu nada.

Senhora

(Túlio) Eu queria fazer uma pergunta para o senhora... tá vendo aquele objeto ali? Se a senhora levasse para casa, que sua família ia dizer?

Que eu tava loca.

(Túlio) Quer dizer que se a senhora leva aquilo lá, o pessoal ia dizer que a senhora tava doidona?

Tava doidona mesmo.

(Túlio) Ah é?

Da praça da Sé até Vila Nova Galvão, o que você acha? Olha o que eu já tô levando, batata-palha.

(Túlio) Batata-palha? A senhora trabalha vendendo batata-palha?

Não, é para uma festinha de criança.

(O público começou a aglomerar.)

MOMENTO 3 - OS HOMENS INVISÍVEIS E A BATALHA FINAL

(Túlio) O que o senhor acha que as pessoas tão ganhando com essa discussão aqui? Eu queria colocar para todo mundo que a gente tá discutindo sobre aquele objeto ali na frente e que toda nossa conversa partiu por causa dele e se a gente era invisível ou não. O que o senhor acha que as pessoas estão ganhando aqui com a gente?

(Senhor 2) O povo? Curiosidade... O povo por aqui para, não entende nada, é curiosidade, tá tudo curioso. Curiosidade é uma coisa, compreensão definitiva que conhece, é poucos. Você não vê os crentes, ficam tudo ali falando não sei o que, fica assim de gente, mas, na verdade, tudo curioso, tudo curioso, porque nenhum entende nada, os próprios crentes, a filosofia deles é falha.

(Morador de rua) Pára de zombar dos crente, seu miserável, pára de zombar dos crente lá! Você é bosta! Você é um miserável, você é um velho, você não passa de um verme, você é velho, você não tem que ficar zombando dos crente, seu velho desgraçado, os crente tá falando a verdade!

(senhor 2) Crente falando a verdade... Você já viu crente falando a verdade?

(Túlio) Eu acho que eles falam a verdade deles sim.

(Senhor 2) À moda deles... A opinião deles.

(Morador de rua) Você já tá caducando!

(Senhor 2) Esse é um coitado, esse não sabe nada, esse é um bobo alegre, um bosta...

(Havia muito público.)

A(r)tivismo é brincadeira?

O Ar(r)ivismo é sério?

Com quantos umbigos se faz um grupo?

Um(b)iguismo?

Date: Wed, 30 Apr 2003 19:19:48 -0300
 Subject: na íntegra_(para_ar(r)ivistas)
 From: "editorapressa" <editorapressa@uol.com.br>
 To: danielcflima@yahoo.com

sobre os rejeitados, pode-se acrescentar a tentativa de unir arte e vida, de um modo ininteligível para a maioria dos habitantes terrestres (não é instalação é lixo mesmo), além de amalgamar indivíduos (como quem escreve estas linhas) como membro, mesmo este não se considerando (mas quem pode saber?)

> > SEUTRANSPORTE - A vida em movimento < <
 ... Verifique se você esta na LISTA DE CADASTROS REJEITADOS. ...
 rede: particular, ., ., ., consulta a lista de cadastros rejeitados. ...

Bem-vindo ao website dos Correios
 ... As seguintes informações estão disponíveis: - se os dados foram processados com sucesso; - se os dados foram processados e rejeitados por problema de

Haller's: A B C D E F G H I J L M N O P Q S T U V X Z.
 REJEITADOS (1, 1), RELAXARAM (1, 1), REMIDORES (1, 1). REJEITAIS (2, 2), RELAÇÃO (4, 4), REMIDOS (7, 7). ...

O SEGREDO DEBAIXO DE UMA PEDRA
 ... Do mesmo modo e pelas mesmas razões, são rejeitados o Salitre e o Vitriolo, ambos, segundo ele, totalmente impróprios e inúteis. ...

informações legais, legal information @ Bay Area Brazilian Club
 ... So nos primeiros seis meses deste ano mais de 18 processos foram rejeitados pelo INS de San Francisco devido as traduções nao terem sido feitas por pessoas...

GRITO . magazine >>> www.Grito.com.br
 ... PISO 1: Indymedia Brasil, Revista Ocas, Latuff-RJ, A Cria, Formigueiro, Rejeitados-BA, Memelab/Projeto Metáfora, Eca/TV USP, Medstudents

... Mais do que um terço dos pulmões são rejeitados para transplante Em estudo publicado na Lancet, de 24 de agosto de 2002, pesquisadores demonstram que mais

Azulejos defeituosos de artistas famosos vão a exposição ... Azulejos rejeitados do MEC serão exibidos. ... Alguns azulejos, que apresentaram pequenos defeitos após a queima, foram rejeitados e guardados em caixas. ...

A Hora Está Avançada
 ... Mas, quando Deus e sua palavra são rejeitados, a porta fica aberta para todos os tipos de atos perversos ocorrerem na sociedade. ...

FILMES - Segurança Nacional
 ... Após serem rejeitados pelo Departamento de Polícia de Los Angeles, dois homens resolvem se unir para trabalhar juntos como guardas de segurança. ...

Casa das Rosas - Festival de Mídia Tática
 ... Anomia/CE Nomads. PISO 1 CMI OCAS Latuff/RJ Museu da Pessoa Formigueiro Rejeitados Projeto Metáfora Eca/TV USP Telecentros. PORÃO A ...

IESUS - Volume 8 - Número 2
 ... Segundo estes critérios, em áreas endêmicas, deverão ser rejeitados para a doação aqueles candidatos que apresentaram malária há doze meses, com ...

Jurisprudência - Acórdãos na Íntegra
 ... 2°. Os embargos independem de prévia segurança do juízo e serão processados nos próprios autos, pelo procedimento orinário. § 3°. Rejeitados os ...

LDO CRONOGRAMA
 ... 17.1.3 - Destaques ao Anexo de Metas e Prioridades - Rejeitados. ... 17.2.1 - Destaques ao Texto - Aprovados Parcialmente. 17.2.1 - Destaques ao Texto - Rejeitados. ...

CANIL MUNICIPAL SACRIFICA UM CACHORRO A CADA TRÊS HORAS
 ... Quase todos são sarnentos, pulgentos, magricelas e rejeitados por seus donos. ... Uma outra possibilidade é adotar animais rejeitados. ...

Intervenção na cidade através da performance Dionisíaca

::: Centro da Terra - Cartas de Maracangalha :::
 ... Revolução Não Será Televisada Bijari Banda Paralela
 Anomia/CE Nomads PISO 1 CMI OCAS Latuff/RJ Museu da Pessoa
 Formigueiro Rejeitados Projeto Metáfora ...

Seleção tendenciosa nos pacientes procura favorecer as ...
 ... Tais pacientes, a exemplo dos rejeitados da angioplastia,
 também são tanto excluídos do estudo ou levados a serem tratados
 medicamente.". ...

. USO DE TURBINA A GÁS ASSOCIADA A SISTEMA DE REFRIGERAÇÃO ...
 ... Descreve-se soluções para o uso final dos materiais
 rejeitados, reciclando-os e adequando-os a suas novas
 aplicações, considerando suas qualidades e suas ...

Bula Quo Primum
 ... e ordenamos, sob pena de nossa indignação, que o uso de seus
 missais próprios seja supresso e sejam eles radical e totalmente
 rejeitados; e, quanto ao Nosso ...

AidsPortugal - Os empréstimos para comprar medicamentos para ...
 Social Os empréstimos para comprar medicamentos para tratar a
 SIDA são rejeitados pelos Os empréstimos para comprar
 medicamentos para tratar a SIDA são ...

orientac_03
 ... Eles também podem sentir medo de ser rejeitados pela
 família, amigos, colegas de trabalho e instituições religiosas,
 se realmente assumirem. ...

Num mundo anacrônico, com toda sua turbulência industrial, tecnológi-
 ca, comunicativa, internáutica, pós-utópica, onde assistimos pelas redes
 de comunicação as “explorações” interplanetárias, ao mesmo tempo em
 que convivemos com pessoas em extremo grau de exclusão, cujos aspect-
 os mais básicos de sobrevivência são negligenciados, sentimo-nos
 “chamados” a inventar novas táticas, estratégias e ações de intervenção
 que criem práticas de resistência ao modelo dominante de controle e
 homogeneização social.

Dioniso, deus estrangeiro por excelência, deus andarilho, que intervém no
 modo de pensar e produzir dos mais diferentes grupos humanos, constrói
 sua performance nas cidades. Dioniso, deus sem templo, cria sua políti-
 ca nas ruas; os participantes de seus cultos, imbuídos do desejo de poten-
 cializarem suas vidas, transformam suas formas de existência, suas
 relações com a natureza, corpo, cidade, estado, poder. Ele é o deus das
 forças terrestres, do vinho, da magia, do contágio.

Este deus *performer* nos convoca a retomar as ruas das cidades, abrindo
 mão dos espaços privados, que também é nossa privação, e intervir nos
 espaços públicos, tão esvaziados de sentido, que só servem como corre-
 dores que nos levam aos templos privados: bancos, mercados, *shopping*
centers, salas de aula, etc.

Dioniso como um deus que não respeita templos, propõe a retomada do
 espaço público, com danças, ritos, orgias, vibração do coletivo - é um
 deus intempestivo e infector, seu vírus se espalha como peste, de modo

extemporâneo, infinito. Zaratustra é um dos infectados, desce da sua caverna na montanha, como um *performer*, falando nos mercados, carregando cadáveres nos ombros, anunciando o superhomem, a morte de deus e o sentido da terra como um alucinado pelas cidades, feiras, cemitérios. Zaratustra – um infecto *in process*, experimenta cada momento de sua virose em toda sua potência. Tem crises, momentos de dores insuportáveis e de alegrias sublimes. Vive cada lugar que vai, cada pensamento que encontra com potência inefável; como numa viagem de ópio: “Nesse estado, se vê uma ave que plana no fundo do céu azul começa por representar o imortal desejo de planar por sobre as coisas humanas, mas logo sois a própria ave, a própria árvore, o próprio ópio e passas a fumar-te a ti mesmo.”¹

Abundante em infectados foi também o século XX: futuristas, dadaístas, surrealistas, antropófagos, hippies, beats, tomaram as ruas, intervindo na cultura, em sua constituição dura, experienciando a potência do coletivo, as forças da troca subjetiva, criando espaços de produção criativa, interferindo no cotidiano dos passantes, mudando o rumo dos seus passos, promovendo momentos de interstícios, onde se abre uma fenda no hábito, no saber, no poder, para deixar entrar oxigênio puro, ou melhor: vinho puro, o vinho do deus infecto Dioniso, o senhor das mutações.

Há em São Paulo, pequenos coletivos contagiados por isso tudo, vestidos de suas armas tecnológicas, atuam nas praças públicas, metrô, calçadas, passeatas, promovendo novos modos de criação, experimentando forças, interfaceando as instituições duras, abrindo fendas no cotidiano dos

transeuntes carregados de pesos insuportáveis, e em si mesmos. Saem como vendedores de imagens, homens invisíveis, menossões, formigas, micos, atravessando a cidade, criando cultura

Depois de muito pensar no porque fazem isso, descubro que: dentro de um mundo privado, de um sistema terrível que nos faz a todos escravos, de paredes duras e instituições feitas de concreto, esses *performers* da vida, infectados de vinho, tem a função de deixar viva a alegria, de carregar os barris, de não deixar morrer o deus da transformação.

Fabiane Borges

Notas

1 - Paraísos Artificiais - Baudelaire.

Política Editorial do CMI-Brasil

1) Serão imediatamente retiradas do site as publicações que:

- sejam de cunho racista, sexista ou em qualquer sentido discriminatórias;
- contenham ofensas pessoais;
- façam qualquer tipo de propaganda comercial;
- visem promover algum candidato ou partido político;
- estejam em oposição aos princípios e valores do CMI Brasil.

2) Textos buscando apenas contatar pessoas ou o próprio Centro de Mídia Independente não podem ser publicados como matérias. Para contatar pessoas, utilize as listas de discussão; para contatar o CMI, escreva para contato@midiaindependente.org;

3) As matérias não podem ser publicadas duas vezes e um texto publicado como comentário a uma matéria não pode ser publicado novamente como matéria independente;

4) As matérias publicadas, normalmente não têm copyright. Os interessados podem reproduzir e distribuir essas matérias para fins não comerciais desde que mencionem o autor e a fonte. Matérias com copyright podem ser publicadas desde que a situação seja indicada e haja permissão do detentor dos direitos;

5) O coletivo editorial não edita o conteúdo das matérias mas se reserva o direito de fazer pequenas modificações de formatação para compatibilizar a informação com padrões técnicos do site.

O Centro de Mídia Independente não se responsabiliza pelo conteúdo das publicações.

**Coletivo editorial CMI-Brasil
Centro de Mídia Independente**

Arte vem às ruas e faz barulho com humor, crítica e denúncia

Primeiro Congresso Internacional dos Ar(ri)vistas é marco da afirmação de nova tendência artística

Um misto de revolta, inconformismo e incômodo pode ser canalizado para a ação. Ação através da arte em suas mais diversas expressões: esse parece ser o lema de uma nova geração de artistas brasileiros organizados em coletivos finalmente reunidos no Primeiro Congresso Internacional dos Ar(r)ivistas. Realizado em São Paulo no dia 15 de abril de 2003, o encontro propiciou troca de experiências entre os coletivos presentes, além de muita discussão em torno da tentativa de definir quais as formas que o próprio movimento pretende tomar.

Estavam presentes os coletivos e grupos A Revolução Não Será Televisada, Agruppaa, After-Ratos, A.N.T.I. Cinema, Bartolomeu, Bijari, Contra Filé, C.M.I., Embolex, Flesh Nouveau, Formigueiro, Fumaça, Mico, MTAW, Núcleo Performático Subterrânea, Os Menossões, Nova Pasta, Rejeitados e Transição Lustrada. Em comum, seus trabalhos conseguem aliar talento, diversão e atitude. Aliás, muita atitude, afinal esses artistas enfrentam desde cassetetes da polícia militar em manifestações antiglobalização à fúria da comissão julgadora do Salão de Artes da Bahia.

Artivistas?

Tamanha vontade de causar impacto e denunciar os paradoxos do sistema capitalista e os rumos da mídia comercial já renderam uma denominação a esses coletivos: artivistas. Ironicamente, o nome foi inventado

pela própria mídia, após uma matéria publicada no caderno Mais! da Folha de São Paulo no começo de abril deste ano. No entanto, muitos não concordam com tal denominação, e a discussão acerca do “fazer arte ativista” foi um dos temas mais polêmicos no Congresso.

No geral, os grupos não têm grandes pretensões políticas nem assumem posicionamento partidário. Sua atuação corre à margem do sistema político e da própria mídia. Ou seja, ali ninguém quer planejar um golpe de Estado, mas sim buscar um “nicho” onde possam expressar sua indignação por meio da arte.

O Congresso Internacional

A idéia de realizar o encontro surgiu após a publicação do caderno Mais!, que mesmo considerada superficial pelos coletivos, suscitou interesse social e conseguiu sublimar um pouco de uma nova tendência artística que até há pouco se encontrava dispersa.

Além da participação de representantes de diversos estados brasileiros, a reunião contou com ligações telefônicas de Fortaleza e da França. O tom geral foi dado por uma mistura de polêmica com confraternização, de seriedade com irreverência. Esse último, aliás, binômio marcante dos trabalhos por eles feitos.

Muita coisa continua no ar. Mas o Congresso pode representar o início da afirmação de um movimento prestes a fazer muito mais barulho do que já tem feito. E como não podia ser diferente, a noite teve seu desfecho ao som de “Fame”, um hino para os “arrivistas” - aqueles que querem aparecer. De inúmeras e inesperadas formas.

Júlia Tavares



A Realidade não pode ser possuída

O grande problema da arte, na minha opinião, sempre foi a tentativa de se estabelecer uma relação total com a Realidade. Toda arte é sempre representação e não é possível jamais escapar dessa limitação inexorável. Em grande parte a criatividade da arte se deve a essa limitação: não podendo representar o Absoluto nós estamos eternamente encontrando aproximações.

É relativamente simples explicar a razão pela qual a arte pode ser apenas a representação da realidade e não a Realidade em si. A realidade é o todo, a unidade do todo. Embora uma obra possa apontar esse todo uno, enquanto coisa física ela é limitada, não é o todo. Ela é o mapa e não o território. Isso está de acordo com a natureza mesma da realidade: real é aquilo que é único, que não pode ser copiado, representado ou descrito. Existe uma qualidade na realidade, que é sua própria essência, que só pode existir nela mesma. Não é possível, por isso, explicar o jeito correto de alcançá-la ou de enxergá-la. Se houvesse algum método para poder se perceber essa essência última, isso estaria significando que existe uma maneira de se causar a realidade. Como a realidade existe em si e não tem causa, então também não pode existir nenhuma explicação que seja capaz de revelar sua essência. Ou seja, a realidade não pode ser percebida através da lógica.

Mesmo a minha vontade de me libertar da lógica não vai resolver esse problema: a vontade de escapar da lógica já está presa à lógica ao se justificar como uma ação que é coerente em virtude do resultado que se projeta alcançar.

Abandonar a lógica é lógico por que isso significa alguma forma de ganho, como por exemplo o poder de se ter a percepção da realidade, que pode tra-

zer inconscientemente uma forma sutil de vaidade, travestida em um nobre desejo pelo conhecimento da verdade. Quando existe um motivo para se alcançar a realidade ela não é alcançada. A realidade existe em si, sem motivo, sem um fim. Ter um motivo para alcançá-la é querer atingir uma finalidade e não aquilo que existe em si. É ser contraditório à natureza do real. De modo que perceber diretamente a realidade não pode depender de minha vontade, já que aquilo que ela é, em seu sentido mais universal, está acima de qualquer coisa particular, individual. Qualquer vontade de se encontrar a realidade já é falsa desde o início. Aquilo que deve criar a vontade de relação direta com a realidade só existe nela mesma, não é diferente dela. Se ela é seu próprio fim, a razão para essa vontade existir só pode estar nela, e não fora dela. Como então posso estar sendo sincero ao querer encontrar a realidade, se nem conheço a verdadeira razão pela qual deveria buscá-la?

Se não estou na realidade então aquilo que chamo de desejo pela realidade não é o verdadeiro desejo pela realidade mas sim por outra coisa.

O verdadeiro desejo pela realidade não pode ser chamado de desejo: ao ser necessariamente um impulso absolutamente desprovido de interesse, já é a percepção direta da realidade. Essa ausência de interesse, de finalidade, que está de acordo com a natureza da realidade, sendo por isso mesmo uma com ela, jamais pode ser resultado da vontade pessoal, da intenção, jamais pode ser projetada.

O desinteresse, e a honestidade inerente à ação dele decorrente, não podem ser coisas calculadas. Não pode existir a intenção de se ser honesto. Quando

essa intenção existe é por que não se é honesto *a priori* e, por algum motivo ou finalidade vantajosa, esta se tentando ser. A desonestidade não pode nunca projetar a honestidade sem ser desonesta. O desinteresse é algo espontâneo, que surge sem explicação.

Não existe como se atingir voluntariamente a espontaneidade: qualquer tentativa de se ser natural jamais vai ser espontânea. Sempre vai ser o resultado de uma ação que foi previamente projetada, sempre vai ser uma tentativa, algo premeditado. E depois: se eu não sou espontâneo que motivo me leva a querer ser? É a espontaneidade em si ou alguma forma de melhora em mim mesmo? Se eu quero obter alguma vantagem da espontaneidade então não estou sendo honesto. Não sendo honesto já não sou espontâneo, obviamente. É um círculo vicioso. Se sou honesto e admito, então, que estou interessado em alguma melhora pessoal, isso significa que pretendo adquirir o dom da espontaneidade. O problema é que esse dom não pode ser adquirido, não é uma posse. Participar daquilo que é o universal implica em abandonar a idéia de posse e partilhar o todo com o todo. O espontâneo é a qualidade em si da realidade e não pode ser alcançado, compreendido ou revelado por palavras ou métodos. Ele não pode ser possuído, é como o sol ou a água.

Ser espontâneo é estar se partilhando com o todo, e essa relação implica o fim da individualidade e de toda forma de posse. É através da posse que eu me percebo uma entidade isolada, completamente individual. Com a posse eu tenho a percepção de estar existindo sozinho na minha relação com aquilo que me pertence, já que ao não estar dividindo nada, ou quase nada, eu

deixo de compartilhar não apenas aquilo que é minha propriedade: eu mesmo não me compartilho. Desse modo eu posso possuir um “eu”, um ego.

Isso significa que o egoísmo esta na base da necessidade de individualismo. Ora, toda a ação proveniente desse egoísmo, lógica ou não, vai ter como finalidade única alguma vantagem para o ego e não para o todo, para o particular e não para o universal.

De modo que a tentativa do ego de alcançar a realidade vai ser sempre frustrada, já que tudo que ele faz tem um fim nele mesmo. Que razão pode justificar alguém abdicar de sua própria vida, de seu ego? Que vantagem pode ter isso? A percepção dessa razão é a descoberta instantânea da realidade. Não existe aqui uma percepção que é o resultado de um acúmulo de conhecimentos, isso não vem do conhecimento ou de qualquer outra tentativa. Não existe recompensa nem a quem recompensar. Uma virtude e beleza brotam do coração sem explicação, como algo muito maior do que um milagre, que não vem para impressionar, nem é o impossível, mas que contém a semente da purificação total. Sem perceber isso como alguém pode se encontrar perdido fazendo aquilo que realmente quer fazer? Por que só faz arte aquele que faz o que gosta, de coração. Quem não sabe do que gosta e quer inventar em si a imitação do gostar tem outras razões para fazer arte que são diferentes da arte. O gostar é espontâneo.

Roger Barnabé

BASEmóvel

Caixa
mesa
tapete
cadeira
livros
outras publicações
fotos
TV
intervenções
vídeo
luminária
flanelógrafo
textos

Transição Listrada



Nossa Senhora Bigodista

Os Bigodistas

*

*

*

*

I CONGRESSO INTERNACIONAL DE AR(R)IVISMO

"Arrivismo. S. m. Procedimento de arrivista,
de quem quer vencer na vida de qualquer modo."

Anais

Anais

Outubro / 2003

*

*

*

*

*